




Outorga do Título de Professora Emérita a

Anita Waingert Novinsky



 Universitas Paulopolitana
Philosophiae, Litterarum Humanarumque
Scientiarum Facultas

Ego, Doctor, Sergio França Adorno de Azevedo, Philosophiae,
Litterarum Humanarumque Scientiarum Facultatis
Moderator in Universitate Paulopolitana, cum actum uisidissent
et perlegissem quo ab huius Facultatis Magistrorum Collegio
ante diem X Kalendas Iulias anno MMXIV praeclara mulier

Anita Waingori Novinsky,

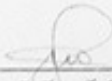
Historiae peritissima,

Professor Emeritus

rite declarata erat, hoc diploma ei dedi, ut omnibus
honoribus privilegiisque cum dignitate sua cohaerentibus
et quidem sollemniter collatis iure uti ac perfrui posset.

Datum Facultatis in Aedibus Paulopoli in Brasilia
ante diem VI Kalendas Aprilis anno MMXV.


Prof. Dr. Sergio França Adorno de Azevedo
Facultatis Moderator


Rosângela Duarte Vicente
Facultatis ab Actis

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR: Prof. Dr. Marco Antonio Zago

VICE-REITOR: Prof. Dr. Vahan Agopyan

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIRETOR: Prof. Dr. Sérgio França Adorno de Abreu

VICE-DIRETOR: Prof. Dr. João Roberto Gomes de Faria

Serviço de Comunicação Social

COORDENAÇÃO: Eliana Bento da Silva Amatzuzi Barros - MTb. 35814

DIAGRAMAÇÃO: Dorli Hiroko Yamaoka - MTb. 35815

REVISÃO: Wiviane Ribeiro do Carmo

SECRETÁRIA: Neusa Bispo de Oliveira

AUDIOVISUAL: Carlos Roberto Xavier
Renan Braz Martins

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Gráfica da FFLCH

TIRAGEM: 200 exemplares

Cerimônia de Outorga
do Título de Professora Emérita
Profa. Dra. Anita Waingort Novinsky

DATA: 27 de março de 2015
HORÁRIO: 14h30
LOCAL: Salão Nobre - Prédio da Administração
Rua do Lago, 717 - Cidade Universitária

SUMÁRIO

ABERTURA	9
Anita Novinsky, uma referência	
Prof. Dra. Maria Luiza Tucci Carneiro	
AGRADECIMENTOS	13
Prof. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda	
Prof. Dra. Sara Albieri	
SAUDAÇÃO	15
Prof. Dr. Jacó Guinsburg	
DISCURSO DA HOMENAGEADA	19
Prof. Dra. Anita Waingort Novinsky	
ENCERRAMENTO	27
Prof. Dr. Sérgio França Adorno de Abreu	

ABERTURA


ANITA NOVINSKY, UMA REFERÊNCIA

Profa. Dra. Maria Luiza Tucci Carneiro

Professora Sênior da USP

Coordenadora do LEER/USP

Boa tarde a todos !

 com muita alegria que neste dia 27 de março de 2015 nos reunimos neste salão nobre para homenagear uma das mais importantes docentes da FFLCH: Anita Waingort Novinsky. Professora, historiadora, filósofa, tornou-se para nós um exemplo de pesquisadora incansável, colega, amiga e mãe-acadêmica. Estas são as primeiras palavras que nos ocorrem para identificar a Anita Waingort Novinsky. No entanto, Anita é muito mais: sua trajetória acadêmica - justamente reconhecida pela Academia com a outorga do título de Professora Emérita da FFLCH- identifica-se com um conjunto de valores tão caros ao homem deste século XXI: justiça, ética e direitos humanos¹.

¹ Meus sinceros agradecimentos às colegas Profa. Dra. Laura de Mello e Souza e Profa. Dra. Iris Kantor que, juntamente com o Prof. Dr. Sérgio Adorno, DD, Diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, ajudaram a encaminhar o pedido de outorga deste título à Profa. Dra. Anita Novinsky.

Contestadora da intolerância e do antissemitismo em particular, transformou seus estudos sobre Inquisição, Marranismo e Racismo em libelos defensores do direito à vida e da liberdade de expressão como direitos fundamentais do homem e da mulher. Como discípula de João Cruz Costa, seu mestre de Filosofia na USP, Anita repete sempre, ao se referir aos horrores e à violência sem limites praticados pela Inquisição e pelo nazismo:

_____ “Voces, meus alunos, não têm o direito de não querer saber”.

Sob esta luz formou-se, ao longos destes anos, a “Escola Novinsky”, da qual tenho a honra de participar como historiadora formada por Anita Novinsky, assim como todos os seus orientandos aqui presentes. Assumimos como missão preservar o seu legado: um dos mais importantes acervos sobre Inquisição e os cristãos-novos no Brasil; além de multiplicar seus ensinamentos que, de forma multidisciplinar, nos orientam a pesquisar e avaliar a história dos excluídos como forma de denúncia atentando sobre os limites a que chegou a bestialidade humana.

A cada encontro com a Profa. Anita, somos contagiados por sua retórica de mestra e mulher sensível, irreverente, atualizada e crítica; uma intelectual antenada com as novidades promovidas pelos mais importantes centros pensantes da Europa, América e Israel. Como pesquisadora revolucionou os estudos históricos e a historiografia brasileira, ao introduzir os estudos de mentalidade e sobre a Inquisição na Universidade de São Paulo em 1970. Movida por valores universais, Anita Novinsky continua a instigar seus alunos a pensar, diariamente, a sociedade de forma crítica como estratégia para evitar a reincidência da barbárie. Barbárie esta analisada em seus textos ora sob o prisma do marranismo enquanto fenômeno social e político, ora sob o viés da intolerância e dos direitos humanos.

Seus escritos são hoje para nós - historiadores da Inquisição no Brasil, do racismo, dos regimes totalitários e autoritários – um modelo teórico por nos oferecer parâmetros para reavaliarmos o papel das instituições que, em nome da Fé ou da Segurança Nacional, promovem o ódio e a violência sem limites. Seus conhecimentos nos ensinam a pensar a bárbarie como um dos “mecanismos que fazem dos homens monstros”. Assim enfatizei no livro organizado em sua homenagem, juntamente com Lina Gorentein, em novembro de 2002: *Ensaíos sobre a Intolerância. Inquisição, Marranismo e Anti-semitismo*, publicado pela Editora Humanitas em parceria com o LEI, laboratório

idealizado para abrigar seus arquivos e promover seus conhecimentos².

Anita Novinsky é incansável, em todos os sentidos. Sua dinâmica de pesquisadora irreverente e metódica, sua postura de mulher sábia e culta nos remetem a capacidade de renascer sempre, criando mundos novos para avaliar preconceitos seculares e nos ajudar a compreender o ser humano. Seus conhecimentos e produção acadêmica, atualizados dia-a-dia, nos instigam a reavaliar a História do Brasil sob o prisma de uma sociedade marrana pluralista cujo legado vem sendo revelado pelos seus mais recentes estudos sobre o marranismo em Portugal e no Brasil, sobre o Pe. Antonio Vieira diante da Inquisição e dos bandeirantes cristãos-novos nos tempos coloniais.

À cada descoberta, Anita Novinsky recria seus textos e vive com paixão os seus personagens que, como ela mesma diz, podem povoar cenários e diálogos de filmes reveladores de segredos até então ocultos pelas versões oficiais da História. Ao tirar do anonimato homens e mulheres cristãs-novas perseguidas pela Inquisição, Anita e seus discípulos (que compõem hoje a “Escola Novinsky”), cumprem com o papel atribuído ao historiador identificado com os problemas do seu tempo: de produzir novos conhecimentos e nos ajudar a compreender o presente com os olhos no passado, vislumbrando um futuro melhor para as novas gerações.

Esta é Anita Novinsky: uma mulher plena, justa e inovadora.

É como muita honra que hoje, neste salão nobre da FFLCH, participamos desta homenagem que a academia promove em reconhecimento ao seu mérito, indiscutível por sua capacidade de produção, liderança e inovação.

Profa. Anita, com os nossos agradecimentos, sempre !

² GORENSTEIN, Lina; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Ensaio sobre a Intolerância; Inquisição, Marranismo e Anti-semitismo (Homenagem à Anita Novinsky)*, 2ed. São Paulo: Humanitas; LEI, 2005, pp. 15-21. Colaboram neste livro, com artigos expressivos da orientação dada pela Profa. Dra. Anita Novinsky em seus cursos de Pós-Graduação em História Social, seus ex-alunos e/ou ex-orientandos: Adalberto G. Araújo Júnior, Benair Alcaraz Fernandes Ribeiro, Carlos Eduardo Calaça, Claudeteana Rodrigues, Fernanda Mayer Lustosa, Lana Lage da Gama Lima, Laura de Mello e Souza, Lina Gorenstein, Luiz Mott, Luiz Nazário, Maria Luiza Tucci Carneiro, Norma Marinovic Doro, Rachel Mizrahi, Ronaldo Vainfas, Yara Nogueiro Monteiro, Suzana Maria de Souza Santos.

AGRADECIMENTOS

*PROFA. DRA. MARLA ARMINDA DO NASCIMENTO ARRUDA
PRÓ-REITORA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA*

Conheci a profa. Anita Novinsky quando era ainda estudante de Ciências Sociais. Ia a sua casa com o meu marido, já professor da História – o Prof. José Jobson de Andrade Arruda. Eu sempre a apreciei muitíssimo. Primeiro, porque é uma pessoa muito acolhedora, depois porque a casa dela era um ambiente de encontros intelectuais e de sociabilidade. Nos seus jantares, os debates eram muito inteligentes, com participantes de fora do Brasil, que ela recepcionava, sobretudo portugueses e franceses. Na condição de mulher elegante, as suas recepções faziam-lhe jus, embora as reuniões tivessem como principal objetivo os assuntos acadêmicos.

Eu era muito jovem e ela uma pesquisadora de renome, sobretudo na área dos estudos sobre Inquisição – dos quais, em larga medida, foi pioneira no Brasil. Apesar dessa defasagem, a professora Anita seguidamente manifestou muito afeto e muita consideração pela minha pessoa. Então, eu jamais me esqueci desse ambiente intelectual. Eram encontros cultos, nos quais as conversas versavam sobre vários assuntos: história, filosofia, literatura, artes...

Assim, com o decorrer dos anos, nós fomos estreitando ainda mais nossas relações. E quando se é mulher e acadêmica, lidamos com alguns modelos, sobretudo no início da

carreira, porque a condição feminina, em contextos profissionais, não é completamente tranquila – embora tenha mudado bastante em relação ao passado. Dentre as minhas referências marcantes, Anita ocupa lugar de destaque, porque além de ser uma mulher versada em muitos campos, ela cultivou a sociabilidade, a delicadeza do trato, as boas maneiras. Aprecio muito essas qualidades.

PROFA. DRA. SARA ALBIERI

VICE-CHEFE DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA FFLCH

Boa tarde a todos.

*E*m nome do Departamento de História, cumprimento a professora Anita pelo título que lhe é outorgado neste dia. A excelência de sua contribuição ao ensino, à pesquisa e à cultura acadêmica é reconhecida hoje em justa homenagem, a qual reúne colegas, alunos e amigos na certeza da continuidade de sua valiosa colaboração com nossa Escola.

SAUDAÇÃO

*PROF. DR. JACÓ GUINSBURG
PROFESSOR EMÉRITO DA ECA*

*P*articipar dessa sessão em que a Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas confere o título de Professor Emérito à Dra. Anita Novinsky é, para mim, uma honra pela oportunidade que me é dada de externar meu respeito e minha admiração pelo trabalho científico e pela atuação acadêmica de uma mulher lutadora, cuja fibra e denodo vi sempre reiterados ao longo de um convívio de mais de cinquenta anos. Creio, entretanto, que se deva ressaltar aqui, além da força de caráter dessa personalidade, bem como dos méritos de sua carreira de docente e pesquisadora, a qualidade da contribuição que seu labor trouxe e traz, desde que o Prof. Lourival Gomes Machado, no fim dos anos de 1940, a incentivou a ingressar nessa via.

Não sou historiador, nem especialista em pesquisas de fontes primárias, parece-me, contudo, ser verdade incontestante que o caminho trilhado por Anita Novinsky em seu campo específico chama a atenção pela infatigável dedicação e coerência de propósitos, em conjunto com a atualizada instrumentação crítica, que lhe permitiram reunir um dos mais bem providos corpus de dados documentais de que tenho notícias no Brasil, sobre um tema que envolve quatro séculos de história judaica e portuguesa e seus desdobra-

mentos em nosso país. É o capítulo em que, sob a capa de um Santo Ofício, instala-se, primeiro na Espanha e depois em Portugal, uma Instituição religiosa que, no decurso de quase meio milênio, subsistirá alimentada em sua ação política, econômica e social por um nutriente de discriminação e ódio, gerado em seu próprio ventre, um marranismo produzido nas fogueiras dos Autos de Fé.

Este foco de investigação, fundamentado na busca e na decodificação dos registros preservados na Torre do Tombo e em outros arquivos, estudados e interpretados à luz da bibliografia específica e das modernas revisões e cotejos historiográficos e historiosóficos, encontrou expressão em monografias como *Cristãos Novos na Bahia* e em larga messe de artigos, ensaios e capítulos de livros, editados em revistas e coletâneas sobre o tema. Publicados no Brasil e no exterior, inventariam os dados, procuram reintegrá-los em sua temporalidade, tramando-os com rigor por informações objetivas submetidas a crivos comprobatórios e discutidas com independência de pensamento. Pelo desassombro com que desafiam concepções tradicionais firmadas, revelam a convocação de uma causa e, se me permitem a licença, a postura de um espírito heterodoxo às voltas com heterodoxias.

Com efeito, de sua formação em Filosofia e Psicologia, afora História, Anita Novinsky reteve o estímulo ou, se se quiser, a tentação de ir sempre além dos horizontes prescritos, o que a levou, no caso, a explorar as sugestões da Nova História. Assim, recusando-se a considerar o fenômeno do marranismo sob a ótica de uma exclusiva nucleação religiosa, nacional e/ou ética, ainda que distinguindo e valorizando sua singularidade sociocultural, submeteu-o a uma leitura mais inclusiva no seu âmbito relacional, contrapondo-a à versão dominante na História Oficial Judaica e Europeia. A microanálise com que a historiografia renovadora vem retirando das sombras e perfilando feições, os comportamentos e os papéis dos grupos historicamente marginalizados teve forte ressonância na conceituação que a nossa homenageada adota e defende. O seu ponto de vista apresenta múltiplas e complexas articulações, mas, sem querer simplificá-lo, penso que se possa traduzir o cerne de sua tese em uma de suas formulações: “O fenômeno (o marranismo) inclui vários tipos de comportamento e não pode ser compreendido no estreito sentido de criptojudaísmo. Ele deve ser considerado em um amplo contexto [...] ou seja, o marrano representa a condição universal, amiúde inconsciente, de homens removidos das sociedades em que viveram. O marrano é um homem que vive em um mundo sem pertencer a ele” (in *Marranos and Inquisition*, ed. Paolo Bernardini e Norman Fiering, pg. 226).

Pode-se vislumbrar aí, no modo de ser e de pensar desse sujeito histórico e de sua problematização, a silhueta sartreana do homem moderno e de sua condição – da situação do homem no homem em situação. É claro que, ainda assim, não caberia desligá-lo da História dos Oprimidos, como Walter Benjamin propõe. Mas Anita Novinsky nega-se a encarar o marrano como uma categoria abstrata, à mercê de manipulações ideológicas. Sem deixar de lado o seu envolvimento contextual, isto é, a relação dialética entre o que constitui ontologicamente o eu real e o outro, o oprimido e o opressor, no processo histórico, a historiadora busca o lastreamento dos dados concretos, inclusive personalizados, nas figuras das vítimas identificadas, ou seja, conjuga os resultados de suas pesquisas de fontes a uma aguda crítica dos eventos, de seus fautores e das mentalidades em confronto.

Sem levar adiante a discussão desse problema, devo assinalar que essa maneira de colocar-se conduz a pesquisadora, mesmo sem os préstimos de saltos qualitativos, diretamente do coração do passado para o coração do presente. Não se pode, pois, taxá-la de parcial ou de unilateral quando traz à tona o íntimo vínculo entre os preconceitos, as marginalizações, as demonizações e os ódios irracionais, entrelaçados aos jogos dos interesses econômicos e políticos, dos conflitos de classe e dos compromissos de estado, no fenômeno inquisitorial, e as manifestações nazifascistas, totalitárias, neonazistas e os fanatismos fóbicos. São realidades que a induzem a alertar-nos sobre o poder de persistência e os perigos destas posturas ideológicas e comportamentos irracionais, não apenas nos fatos acontecidos ontem, ou que poderão acontecer amanhã ou mais tarde, no futuro, porém nos que acontecem hoje, aqui e agora.

É evidente que o alcance do pensamento e da obra de Anita Novinsky constitui parte importante, mas de modo algum esgota a folha de serviços que cauciona o reconhecimento que a presente outorga lhe faz. Pois, antes de mais nada ela inclui, como é dever de um docente desta Universidade, o dedicado ministério de aulas nos cursos de Graduação, Pós-Graduação, e o trabalho de Orientação que contribuiu para a formação de uma plêiade de professores e pesquisadores, cuja atuação se faz notar no ensino, na pesquisa e na produção acadêmica, no Departamento de História e em outras Instituições universitárias. Mas neste currículo têm lugar não menos proeminente, sem dúvida, as preleções e conferências ministradas a convite de prestigiosas universidades do exterior e nacionais, como a Brown University, o Collège de France, a Universidade Hebraica de Jerusalém, a Universidade Waseda de Tokio, entre outras.

São tentos de uma vida de professor em que o exercício intenso e extenso do magistério não desfez o chamado da participação social e cultural no círculo específico de seus estudos e interesses na academia e na sociedade. Em um engajamento que se traduziu na intervenção em conclave e simpósios, na promoção de relevantes congressos sobre a Inquisição, Cristãos Novos e a História Ibero-Americana efetuados em São Paulo sob a sua direção, sobreleva seu papel vital, no fim dos anos 60, para a formação, nesta universidade, do primeiro Centro de Estudos Judaicos do Brasil e, se não me engano, da América do Sul.

Igual poder de iniciativa evidenciou-se no projeto e na lida que deu realidade ao Laboratório de Estudos da Intolerância. No meu entendimento, ele plasma na forma de um órgão pulsante do planejado Museu da Tolerância, o significado mais intrínseco de uma linha de investigação e da carreira de uma vida de scholar a ela consagrada. O resguardo que proporciona a um acervo que já reuniu em sua biblioteca 10.000 volumes sobre Intolerância religiosa, política e cultural e um arquivo de 100.000 microfimes, doados em grande parte pela idealizadora do LEI, destina-se, para além da preservação museológica, a servir de centro dinâmico e instrumental não só para as novas gerações de estudantes e pesquisadores, como foco de uma viva interação com a comunidade mais ampla e para sua tomada de consciência de uma problemática que vem afixando-a no curso da história.

Não é aqui o momento nem o lugar para multiplicar esta *mise-au-point* de realizações e qualificações da historiadora, a qual, diga-se de passagem, em meio das obrigações docentes, e das injunções da pesquisa, não descuro de sua casa e de sua família, devotando-lhes um desvelo não menor. Como obteve tempo para tanto? Só ela é senhora desse segredo, que, por vezes, se entremostra no clima de seus encontros com colegas e amigos e sempre se fez sentir nas cordiais e elegantes recepções que Anita e Maurício Novinsky ofereciam.

Mas, o preito que se presta aqui é, sem dúvida, à professora do Departamento de História dessa Faculdade. Tentei esboçar em algumas palavras os méritos pessoais e científicos que justificam plenamente essa honrosa titulação. Contudo, não devo separá-los do contexto em que puderam medrar. Não me refiro apenas ao apoio deste ou daquele mestre, ou à sábia compreensão deste ou daquele mentor, mas à força motora da atividade acadêmica e os princípios que a acionam nas universidades que são dignas desse nome, como é, por certo, a Universidade de São Paulo. Portanto, ao distinguir a Dra. Anita Novinsky, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas e seu Departamento de História, ressaltam a vigência em seu imo do espírito que a anima: o valor do mérito.

DISCURSO DA HOMENAGEADA

*N*asci muito longe. Em um pequeno *shtetel*, na Polônia, perto da Cracóvia, cuja população era constituída principalmente por judeus. O pequeno *shtetel* não foi destruído pela guerra, mas, de sua população, sobreviveram poucos. Da minha família, tanto do lado paterno quanto do materno, não sobreviveu ninguém.

Muito antes dos nazistas invadirem a Polônia, meu pai presentiu que lá não haveria lugar para judeus, nem futuro para seus filhos. O antisemitismo se agravava, as universidades tinham *numerus clausus*, os *pogroms* se repetiam na Rússia e na Ucrânia e os meninos judeus, aos 12/13 anos, eram levados para o exército e nunca mais voltavam.

Essas e outras razões, como o medo e a insegurança, levaram meu pai a deixar a terra em que nasceu, a família, os amigos, e partir. Sozinho, sem conhecer pessoas, idiomas, nem para onde ia, chegou ao Brasil. Seu nome ainda consta na lista do Registro de Imigrantes. Um ano depois mandou vir minha mãe e as crianças.

Durante a II Grande Guerra, meu pai tentou várias vezes trazer para o Brasil meus avós, meus tios e o restante da família. Mas, quando eles se decidiram, já era tarde demais. Tudo na vida é um acaso. E foi assim que eu tive um destino diferente das crianças do meu *shtetel*.

Meu pai amou o Brasil. Naturalizou toda a família, comprou terras, importou gado, cavalos, introduziu a criação de carpas, peixe que não havia no Brasil, cultivou a terra, que foi seu grande sonho e era proibido para os judeus na Polônia. Aqui realizou sua grande ambição, que era a agricultura, e considerou o Brasil uma terra abençoada.

No Brasil, meu pai sentiu pela primeira vez o que era a liberdade de viver e trabalhar sem medo e não precisar colocar grossos pregos nas portas para impedir os cossacos e antissemitas de entrarem.

Quando minha mãe e as crianças chegaram a São Paulo, meu pai já tinha alugado uma casinha, na Ponte Pequena. E me lembro que as crianças vizinhas brincavam na rua e batiam no portão de casa me chamando de “alemãzinha”, pois eu não sabia o português e falava polonês com minha mãe.

Me lembro também que, todos os anos, o Rio Tietê transbordava, a rua em que morávamos virava um grande lago – e ninguém podia sair de casa. Todas as manhãs vinha um barco com um remador para levar meu pai para o trabalho. Logo depois mudamos para o Jardim América, do qual eu não gostava porque não tinha crianças brincando na rua... E ali eu me criei, casei, tive meus filhos e passei a minha vida.

Eu entrei para esta universidade quando tinha 18 anos. Terminando o Ginásio Mackenzie, cursei o Colégio Universitário, que ficava na arborizada Praça da República, onde, no final das tardes de verão, íamos nos sentar, em seus bancos, alunos, colegas, professores... E as conversas sobre como consertar o mundo se estendiam até meia noite.

Estávamos em plena guerra. Na minha casa havia, na parede da sala de almoço, um grande mapa que tomava toda a parede, no qual meu pai, com seus alfinetes coloridos, ia marcando o avanço das tropas aliadas.

Nós, adolescentes, não tínhamos muita noção do que era uma guerra mas, para provar nossa solidariedade, nos inscrevemos para ter alguma participação. Eu e Gilda, minha amiga, que ainda não estava casada com Antonio Candido, nos inscrevemos no grupo das Voluntárias do Ar, para mostrar nossa participação na luta contra a barbárie nazista. E, orgulhosas, ostentávamos nossos distintivos, que ainda guardo.

Ficávamos a noite toda na rua esperando o “blackout” e, quando ele chegava, tínhamos que observar, muito atentas, qualquer sinal no céu que pudesse indicar algum perigo. Não me lembro mais dos detalhes, mas uma noite paramos em casa de Lourival Gomes Machado, às duas horas da madrugada, e a Lourdes, sua esposa, veio até o portão da rua com guaraná e sanduíches. Havia em nós uma alegria irrefreável e as risadas brotavam espontâneas da nossa mocidade.

Os dois anos do curso do Colégio Universitário foram notáveis e as matérias me forneceram a base para os futuros estudos: História da Filosofia, Economia Política,

Literatura, Latim, Psicologia, Lógica... Naqueles longos corredores da Escola Normal na Praça da República, circulavam Florestan Fernandes, Antonio Candido, Ruy Coelho, Lourival Gomes Machado, Antonio Branco Lefèvre, Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Sales Gomes... - uma geração brilhante, criadora da revista *Clima* e do *Suplemento Literário do Estado de S. Paulo*, que a gente queria ler em primeiro lugar, e depois estagnou e nunca mais se recuperou...

O exame de Filosofia foi difícil. Passaram 4 candidatos. Os cursos eram rotativos e nós, alunos de Filosofia, íamos assistir as aulas de Literatura, Sociologia, etc., em outros departamentos, e vice-versa.

Fizeram furor quando chegaram os professores europeus - historiadores, filósofos, sociólogos, psicólogos, cientistas. Alguns tiveram que fugir da Europa por serem judeus, encontraram asilo no Brasil e as portas abertas na USP.

Para o curso de Filosofia, chegou da França o charmoso Jean Mougué e como ele tinha muito senso de humor, as mocinhas todas se desdobravam quando entrava em sala de aula. Tivemos 4 anos de Spinoza e precisamos nos esforçar muito para entender o francês. Como Mougué era muito brilhante, a geração a que me referi (Lourival, Antonio Candido, Florestan e outros) vinham assistir suas aulas. E vinham também algumas damas da “society”, muito chiques e bonitas, interessadas pelo mundo da cultura. Lembro-me do Ruy Mesquita e seu irmão, do jornal *O Estado de São Paulo*, que não perdiam uma aula; lembor-me do Alfredo Mesquita, dono da Livraria Jaraguá que financiava a revista *Clima* e depois foi pioneiro do teatro no Brasil; lembro-me do José Eduardo Fernandes, todo envolvido na política... e tantos mais.

A vida, como eu já disse, é feita de acasos, acasos que mudam nosso caminho. Dois professores mudaram meu destino: João Cruz Costa, professor de Filosofia, e Lourival Gomes Machado, de Sociologia.

Cruz Costa foi a primeira pessoa que me falou em cristãos novos. Deu-me a bibliografia e entregou-me uma missão: pesquisar sobre a Inquisição e os cristãos novos no Brasil.

Lourival gostava muito da história do povo judeu e, a seu conselho, traduzi do alemão, em conjunto com Gabrielle Borchardt, o clássico livro de Meyer Kayserling sobre os judeus em Portugal. Lourival mencionava continuamente uma frase, que repito para meus alunos: “Enquanto não se pesquisar sobre os cristãos novos não poderemos escrever a História do Brasil”.

Lourival Gomes Machado dirigiu meu trabalho sobre os cristãos novos, até

partir para Paris, como diretor cultural da UNESCO. Passei então a trabalhar orientada por Sérgio Buarque de Holanda, que costumava dizer que “era mais fácil eu procurar encontrar os cristãos velhos do que os novos”, porque estes constituíam a população mais numerosa no Brasil.

Escrever sobre cristãos novos só era possível indo às fontes, pois a bibliografia existente sobre o tema era quase nula no Brasil. Ganhei uma Bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian e passei o ano de 1965 em Portugal. Foi um ano decisivo para meus estudos e abriu um capítulo novo na História do Brasil. Durante quase 500 anos, havia se escrito uma História do Brasil sem mencionar a Inquisição, uma poderosa instituição que tinha o poder de interferir em todas as áreas da sociedade, perseguiu milhares de brasileiros, prendeu mais de mil e os levou para Portugal, onde foram julgados. Vinte e nove, homens e mulheres, foram condenados a morrer na fogueira, dos quais vinte e um foram queimados em carne e oito em estátua, porque não foram encontrados. As selvas brasileiras serviram de refúgio para muitos perseguidos.

Logo após o final da grande guerra, como projeto de desenvolvimento da indústria automobilística no Brasil, meu marido Maurício, como engenheiro, foi convidado a ir aos Estados Unidos e eu o acompanhei. A guerra tinha terminado, mas os refugiados eram tantos que havia escassez de produtos de primeira necessidade. Mulheres e crianças eram proibidos de entrar no país, mas o nosso caso foi uma exceção, devido à importância da industrialização no Brasil.

A experiência para uma jovem de 21 anos ao chegar aos Estados Unidos alguns meses após terminada a bárbara guerra e ver todos os dias chegarem jovens mutilados me marcou de uma maneira extraordinária. No entanto, deixou-me uma forte impressão a modernidade da América do Norte. Eu nunca tinha provado um hambúrguer, nem um ice-cream com coberturas coloridas. Eu nunca tinha visto um prato cair no chão e não quebrar, nem uma blusa que não precisasse ser passada, nem um alimento que cozinhasse em 2 minutos, nem um disco de 33 rotações. E quando voltei ao Brasil meus amigos e família faziam fila em casa para ver essas novas maravilhas.

Depois que me formei em Filosofia, cursei dois anos em Psicologia e fiz outra especialização, na França, com o Prof. Robert Mandrou, secretário de Lucien Fèbvre e da revista *Annales*, que estava dando um curso sobre História das Mentalidades na EHESS. Particpei de seus seminários e ele me convidou para fazer a Tese de Estado na

EHESS, sob sua direção. Mandrou ouvir o relato dos meus prisioneiros e da Inquisição, extasiado com a riqueza das informações e das fontes documentais que ainda não eram conhecidas. Solicitou então uma bolsa no CNRS (Centre National de La Recherche Scientifique) para eu preparar a Tese de Estado.

Aproveitei minhas contínuas estadas em Paris para assistir a cursos de vários professores, como Foucault, Lacan, Kristevá, Roland Barthes e outros que me ajudaram bastante a abrir os horizontes.

Participei também dos seminários do Prof. Leon Poliakov na EHESS sobre Racismo e fui nomeada *chercheur confirmée* do seu curso. Voltei várias vezes à Paris, a convite de Katia Matoso e Adeline Daumart, e proferi várias conferências na Sorbonne.

Fui professora visitante em diversas universidades como Brown, Rutgers e Texas nos Estados Unidos, no Japão e na Polônia. Na École des Hautes Études fui *Directeur d'Études* na seção de Ciências Sociais e também em Ciências da Religião.

Foram muito gratificantes para mim a receptividade dos alunos franceses e as amizades que criei. Desse tempo, guardo saudosas lembranças dos bate-papos políticos nos cafés, do Balzar, da Coupole, do Deux Magots e das noites de São Silvestre, quando Maurício chegava do Brasil para se juntar a mim e aos amigos parisienses enlouquecidos em Saint Germain.

Eu sempre gostei de literatura e Dom Casmurro foi, durante alguns anos, meu livro de cabeceira. Imaginem a minha surpresa quando soube que meu autor preferido tinha escrito um poema sobre os cristãos novos! Fiquei impressionada que Machado de Assis conhecesse tão bem as manobras do Tribunal da Inquisição. Em versos curtos, Machado traduz fielmente a psicologia do cristão novo e mostra o sonho, a fidelidade, a guerra, a injustiça e o sacrifício. Num outro trabalho, com um tema ligado ao messianismo, Machado também evoca o judeu em sua novela “Viver”, que é uma ode à vida, que dá uma interpretação pessimista à efemeridade desta.

Publiquei 9 livros, a maioria documentários, e mais de uma centena de artigos em revistas especializadas e jornais, no Brasil e no estrangeiro. Participei de 5 filmes documentários sobre cristãos novos. Recentemente, escrevi dois capítulos para livros que saíram em Paris, um denominado “Les Marranismes”, outro “Le miroir d’Anthropologie Historique”. Além destes, também tenho um capítulo publicado pela Universidade Yale sobre os paralelos entre a legislação canônica, os Regimentos Inquisitoriais e as Leis de Nuremberg.

Nestes últimos anos tenho trabalhado na pesquisa sobre São Paulo. A leitura dos documentos levou-me a uma nova hipótese sobre os bandeirantes, que mostra um retrato totalmente diferente da historiografia clássica.

Minha visão sobre os paulistas e bandeirantes revelou-me uma motivação, diversa da que encontramos nos livros sobre a Guerra das Missões. E fiz voltar para a História um personagem esquecido, tão querido por Jaime Cortesão e Antonio Raposo Tavares, em torno do qual, como diz Cortesão, se construiu uma “conspiração do silêncio”.

Para chegar a essa história, parti do conhecimento de duas novas descobertas: a origem judaica dos bandeirantes e os jesuítas como agentes da Inquisição de Lima. Encontrei evidências de que os bandeirantes, na sangrenta guerra contra as Missões, estavam na realidade lutando contra a Inquisição, que tinha prendido e penitenciado suas famílias.

No ano de 2002, voltando da Europa, me convenci de que os alunos deveriam se dedicar mais à pesquisa e comunicar-se mais com o mundo. Resolvi então criar um centro de pesquisas que nomeei de Laboratório de Estudos da Intolerância, o LEI. Convidei alguns colegas, que me deram amplo apoio, assim como o diretor da Faculdade.

O LEI funcionou durante 10 anos e teve um enorme sucesso. Publicou vários livros, fez congressos internacionais, publicou um informativo online, deu cursos online, etc. Infelizmente, por várias razões, tive que fechá-lo.

Junto a um grupo de colegas, planejei construir um Museu da Tolerância na USP. Tive o apoio do Reitor, que me cedeu o terreno, fizemos um concurso que teve mais de 300 candidatos e demos um prêmio ao primeiro classificado. O projeto saiu belíssimo e ganhou um prêmio em Londres. Mas a USP passou por uma séria crise, que interrompeu nosso trabalho. Esperamos poder recomeçá-lo. Temos a esperança de que um dia teremos um centro de pesquisas e documentação no Museu da Tolerância, ao qual vou doar meu enorme acervo documental, que adquiri nos 40 anos de pesquisas na Torre do Tombo, em Portugal.

Um dia recebi um telefonema muito atraente, de Londres. Era do Prof. Helder Macedo, me convidando para ser a Diretora da Cátedra Henrique o Navegador, no King's College de Londres. Infelizmente, o tempo é nosso maior inimigo... Não pude aceitar porque, dentro de 2 anos eu iria me aposentar e eles estavam procurando alguém que pudesse dirigir a cadeira por pelo menos 10 anos.

Recebendo desta Universidade de São Paulo esta homenagem tão honrosa, eu não poderia deixar de mencionar o que é mais gratificante que tudo na vida acadêmica: os alunos. Durante os longos anos que leciono nesta universidade criei mais uma família, constituída de incondicionais amigos, que me acompanham sempre, mesmo depois que terminaram os seus cursos de graduação e doutorado. Alunos que conheci há 40 anos, aqui estão hoje, nesta sala – e sinto que somos uma grande família, todos sempre solidários e presentes.

Esses alunos eu juntei à minha família e eu os amo. E aproveito este momento para lhes agradecer tudo que me deram: alegrias nos bons momentos e consolo durante as muitas perdas.

A meus professores, que foram mais do que professores, mas mestres, agradeço também o muito que aprendi com eles, não só “conhecimento”, mas a ciência da vida, que é mais difícil.

À minha família – meus pais que não estão mais aqui e aos quais não pude dar a alegria de presenciar este reconhecimento. A meu pai que, quando eu estava escrevendo minha primeira tese, todos os dias, quando chegava do trabalho, me encontrava batendo à máquina. Ano entrava e ano saía e ele sempre me vendo batendo à máquina... Ele olhava para mim com aquela expressão inteligente, e dizia: “Você não vai acabar nunca essa tese”... De fato, levou 10 anos de pesquisa e ele não chegou a vê-la terminada.

Agradeço também a meus filhos, netos, bisnetos e genros, que acompanharam a minha vida. E também às minhas saudosas mãe e irmã, ao erudito José, meu cunhado, a meus sobrinhos, Valdemar e Alberto Setzer que tanto fizeram por mim e a tanta gente que conheci neste mundo e a quem não posso mais agradecer... E, mais do que ninguém, ao Mauricio.

ENCERRAMENTO

PROF. DR. SÉRGIO FRANÇA ADORNO DE ABREU

DIRETOR DA FFLCH

*B*om, quero uma vez mais, antes de encerrar esta sessão, agradecer imensamente à composição desta mesa, em especial ao professor Jacó Guinsburg, Professor Emérito da Escola de Comunicações e Artes, nossa coirmã, por sua gentileza e amabilidade de estar presente e ter feito essa homenagem tão cativante e que está registrada, felizmente, para as próximas gerações poderem entender melhor o que significam essas homenagens. Quero agradecer também à professora Sara Albieri, na oportunidade em que eu cumprimento também o Departamento de História; agradecer à professora Maria Luiza Tucci Carneiro por seu depoimento vivo. A professora Tucci mostra o que é o trabalho de ensino e pesquisa e, sobretudo, o que é o trabalho de formação. A Faculdade de Filosofia tem uma marca e a professora Tucci mostra claramente o que significa essa marca. Não é uma marca apenas como efeméride, é uma marca que significa fazer mais, poder produzir novos conhecimentos, inventar novas linhas de investigação, formar novos alunos. Então, quero, em nome da professora Tucci, cumprimentar também todos os alunos, professores, mestres, doutores e pós-doutores que têm acolhido nossos cursos, acolhido aqui o trabalho de todos os professores das mais diferentes áreas.

Quero agradecer também a presença sempre simpática e gratificante para todos

nós da professora Maria Arminda, atual Pró-Reitora de Cultura e Extensão, que jamais deixa de fazer aqui sua rememoração às raízes, que é sempre muito importante.

Eu quero também agradecer a presença de todos os senhores e senhoras; acho que esses momentos são muito importantes porque são momentos de compartilhamento. E como um momento de prazer e felicidade, geralmente queremos fazê-los junto às pessoas que admiramos, reconhecemos e prestigiamos.

Agora eu quero fazer aqui um depoimento – acho que não será a primeira vez. As soluções estão se tornando cada vez mais difíceis. O mundo está se tornando muito complexo, os problemas estão se acumulando, enormes dificuldades para gerir, eu vivo dizendo que o diretor hoje, de uma faculdade, deixou de ser um diretor no sentido acadêmico do termo, ele virou um gestor. Todo o dia ele tem que lidar com problemas para os quais ele não foi preparado. Felizmente há ainda momentos de muita satisfação, e eu tenho tido nesses momentos uma grande satisfação de estar na direção desta faculdade, e certamente estas cerimônias de outorga de título de professor emérito têm sido para mim muito gratificantes. Nesta sessão foi possível algo que para mim é muito importante, o encontro do historiador e da história; quer dizer, este encontro é testemunhado, é dito, é analisado, mas também é falado com muita emoção, que nos permite conhecer melhor o que significa essa experiência tão rica, dramática mas ao mesmo tempo muito enriquecedora não só do ponto de vista das pessoas, mas das gerações que vieram, pessoas com quem a homenageada pôde se relacionar.

Eu confesso que a professora eu a conheço; não conheço toda sua obra, mas conheço parte da sua obra até porque, de alguma maneira, trabalhamos em campos muito próximos na questão de direitos humanos. Mas uma boa cerimônia é quando nós ouvintes somos surpreendidos com mais, somos surpreendidos com fatos que não conhecíamos. Então este momento, eu diria, é um momento muito gratificante, como tem havido outros; as aulas magnas de concursos de professores titulares têm sido outras experiências muito boas, defesas de teses aqui continuam sendo muito gratificantes, e eu acho que esta cerimônia tem um papel importante que é rememorar as raízes e ao mesmo tempo firmar nosso compromisso enquanto Faculdade, enquanto centro de reflexão sobre o presente, sobre a nossa contemporaneidade, olhando as lições do passado também com a possibilidade que possamos dizer: valeu a pena. Há sofrimentos, há dificuldades, há frustrações, em todos nós, certamente, alguns mais, outros menos. Mas no final das

contas, o resultado acho que é dizer: confesso que vivi.

Muito obrigado a todos. Eu declaro encerrada essa sessão e parabenizo mais uma vez a professora Anita Novinsky por essa homenagem e por esse título.

